

O Porto e a filosofia a partir de 1945

António José de Brito (1995)

Comemoração dos 50 Anos da Revista Portuguesa de Filosofia, *Revista Portuguesa de Filosofia* 51, 267-271.

Quando apareceu a público o primeiro número da *Revista Portuguesa de Filosofia* em 1945, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto deixara de existir há mais de vinte anos. Criada em 1919 e extinta em 1928, por decisão do Governo da Ditadura militar, uma decisão acaso excessiva, mas com certos fundamentos, funcionou ainda até 1931 mas sem receber inscrições. Nos anos subsequentes, vários dos seus antigos alunos começaram a tomar um lugar de destaque no panorama filosófico do nosso país. Com orientações muito diversas, todos eles reconheciam e proclamavam abertamente quanto deviam à escola que os formara, no sentido mais rigoroso do termo, e ao seu criador e Diretor - Leonardo Coimbra - cujo pensamento sobre eles exercera decisiva influência. Os nomes desses antigos alunos são, entre outros, Delfim Santos, José Marinho, Álvaro Ribeiro, Sant'Anna Dionísio, Agostinho da Silva, Augusto Saraiva e Eugénio Aresta. A eles nos vamos referir, com brevidade, pois a paciência dos ouvintes e o tempo de que dispomos são limitados¹.

Delfim Santos foi figura cimeira. Os seus trabalhos estão reunidos em três grossos volumes, editados pela Fundação Calouste Gulbenkian. Sempre manifestou apreço por Leonardo Coimbra a quem dedicou penetrantes estudos - o prefácio à reedição da segunda parte de *O Criacionismo* e os ensaios 'Atualidade e Valor do pensamento filosófico de Leonardo Coimbra' e 'Leonardo Coimbra e o sentido da sua contribuição filosófica'.²

Cremos todavia, que as suas afinidades com o autor de *Luta pela Imortalidade* se verificam mais no terreno negativo do que no positivo. Delfim Santos compartilhou com Leonardo Coimbra o repúdio pelas limitações positivistas, por qualquer reducionismo, em especial o reducionismo materialista e pelos excessos do cientismo (o que não significa menosprezo pela ciência). No entanto, se proclamou fecundos o

¹ O presente texto é o da comunicação que foi lida na Faculdade da Filosofia da Universidade Católica em Braga a 29 de março de 1995, comemorando o cinquentenário da *Revista Portuguesa de Filosofia*, a quem nos é grato prestar a mais rendida homenagem.

² Cf. Delfim SANTOS, *Obras Completas*, II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973, 263-267, 225-239, 281-295, respetivamente.





www.delfimsantos.org

personalismo e a razão experimental leonardinas,³ a verdade é que os entendia de maneira diversa do seu antigo mestre. Com efeito, em Leonardo a razão experimental era unidade de *a priori* e *a posteriori*,⁴ e em Delfim Santos a experiência era fundamentalmente *a priori*.⁵ Em Leonardo Coimbra a pessoa era alargamento social e cósmico;⁶ em Delfim Santos autenticidade própria irreduzível, existência singular oposta ao geral.⁷ Claro que ambos eram metafísicos, mas a metafísica de Delfim Santos move-se, de modo decisivo, no âmbito das correntes alemãs contemporâneas - a fenomenologia, e sobretudo a ontologia de Nicolai Hartmann e o, impropriamente denominado, existencialismo de Heidegger.

O primeiro livro de vulto de Delfim Santos foi o *Sentido Valorativo do Positivismo* de 1938. Não se trata de uma análise do positivismo clássico, como se poderia inferir do título, mas de um exame do que por vezes se convencionava designar por neopositivismo, isto é, das orientações do Circulo de Viena e da filosofia analítica inglesa. Delfim Santos foi bolsheiro do Instituto de Alta Cultura deslocando-se a Áustria e à Grã-Bretanha e apresentando como relatório grande parte do livro referido.⁸ Saliente-se que o manifesto *Die wissenschaftliche Auffassung der Welt - Der Wiener Kreis*, apareceu em 1929 e já em 1938 se publicava, em Portugal, um volume a ocupar-se a fundo dessa escola. Delfim Santos procedeu a uma exposição muitíssimo bem informada, muito clara e muito serena, não deixando de apresentar os seus

³ Delfim SANTOS, *Obras Completas*, II, 265, 292, 238, 286-287.

⁴ Leonardo COIMBRA, *A Razão Experimental*, *Obras II*, Porto: Lello & Irmão, 1983, 693.

⁵ Delfim SANTOS, *O Exemplo de Leonardo*, *Obras Completas II*, 146, «Pode-se experimentar para verificar, para repetir, para descobrir. Qualquer uma destas intenções prévias condiciona a experiência que só por si, como método, não possui qualquer virtude criadora de saber», I, 328 «A experiência só vale relativamente à capacidade de hipótese que anima o pensamento». Cfr. 329.

⁶ Leonardo COIMBRA, *O Criacionismo*, *Obras I*, ed. cit., 230: «A pessoa é em sociedade e para a sociedade». Não esqueçamos no entanto que a pág. 264 ele escreve: «A pessoa é autónoma e livre porque frente à realidade social não se limita a sofrer mas cria». Recorde-se, em contrapartida, que na página seguinte ele acha que «as sociedades resultam duma assimilação das realidades sociais pela pessoa... as representações coletivas e as representações pessoais realizam o progresso» e que na pág. 269 afirma «a pessoa se coloca numa sociedade ideal». E no *Pensamento Criacionista* está dito que «a família, a gens, a cidade têm um valor absoluto e divino, uma permanente consciência social que é com Durkheim o próprio Deus», 136. «Este grande sopro de liberdade que tornou a pessoa dum valor inestimável porque absoluto... O homem compreende-se... como consciência representativa do Todo e absoluta pelo quanto desse todo representa... O Todo deixa de ser simples justaposição de unidade para ser o acordo, a penetração amorosa, o comum esforço para um Universo consciente de si e da sua harmonia. E a civilização adquire claro significado espiritual».

⁷ Delfim SANTOS, *Fundamentação existencial da Pedagogia*, *Obras II*, 40.

⁸ Delfim SANTOS, *Sentido Valorativo do Positivismo*, *Obras I*, 55.



www.delfimsantos.org

reparos sobre as deficiências do neopositivismo e submetendo a uma reflexão minuciosa o tão falado princípio da verificabilidade.⁹

Em 1939, Delfim Santos publicou um novo volume «Da Filosofia», em que a influência da ontologia de Nicolai Hartmann é decisiva. Colocando, como este último, a filosofia no domínio do espírito objetivo,¹⁰ atribui-lhe a missão de combater, com base numa visão estratificada do ser, qualquer espécie de reducionismo de uma cada camada ôntica a outras ou outra.¹¹ Delfim Santos, seguindo as pisadas de Hartmann, entende que o ser se divide em ser real e ser ideal, cada um desses planos com vários estratos que se vão dispendo ascensionalmente até se atingir o Espírito objetivo. Os estratos inferiores são independentes dos superiores, mas estes, se têm os primeiros como condição necessária, não os têm como condição suficiente, pelo que não podem ser reduzidos aos mesmos.¹² Simplesmente, a filosofia não se limita a patentear a irredutibilidade dos estratos do ser. A sua missão é, no lugar de oferecer uma série de soluções definitivas, um perene esforço de problematização e de descoberta de dificuldades permanentes.¹³ Para Delfim Santos o que mais importa na filosofia é a problemática e a aporética.¹⁴

Em 1940 surgiu a sua tese de doutoramento *Conhecimento e Realidade*, obra de grande interesse e de maior originalidade. Delfim Santos, sem abandonar a ontologia hartmanniana, volve de preferência o seu olhar para os *Grundzüge einer Metaphysik der Erkenntnisses*, embora afastando-se por vezes da orientação de Hartmann. Sem dúvida ele parte também de uma análise fenomenológica da relação sujeito cognoscente-objeto e admite uma zona de transsubjetividade e até de transinteligibilidade.¹⁵ Mas assume uma posição francamente realista¹⁶ (quando Hartmann, como se sabe, procura situar-se para aquém do idealismo e do realismo)¹⁷ fundamentando o seu realismo no princípio da intencionalidade de origem escolástica e revalorizado por Brentano. Ele entende que o conhecimento, sendo por essência conhecimento de algo, esse algo não pode ser o próprio conhecimento logo tem de

⁹ Delfim SANTOS, não se refere, *expressis verbis*, ao princípio da verificabilidade mas sem usar semelhante expressão é ao mencionado princípio que está a aludir a págs. 110-112 da mencionada 'Situação Valorativa do Positivismo'.

¹⁰ Delfim SANTOS, *Da Filosofia*, *Obras I*, 228. Cfr. Nicolai Hartmann, *Das Problem der geistiges Seins*.

¹¹ Delfim SANTOS, *Da Filosofia*, *Obras I*, 256. Cfr. N. Hartmann, *Zur Grundlegung der Ontologie*, Berlin: Walter De Gruyter, 1934, Introdução 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16.

¹² Delfim SANTOS, *Da Filosofia*, *op. cit.*, 250 e 252, 254.

¹³ N. HARTMANN, *Zur Grundlegung der Ontologie*, *cit.* Einleitung, Diensseits von Idealismus und Realismus, *Kleinen Schriften II*, Berlin: Walter De Gruyter, 1957, 281-282 e 284-285.

¹⁴ Delfim SANTOS, *Da Filosofia*, *op. cit.*, 238-240 e 243.

¹⁵ Delfim SANTOS, *Conhecimento e Realidade*, *Obras Completas I*, 303-305 e 316.

¹⁶ Delfim SANTOS, *Conhecimento e Realidade*, *op. cit.*, 339.

¹⁷ Sobre a posição de Hartmann ver as obras mencionadas na nota 13.



www.delfimsantos.org

ser independente dele.¹⁸ Ponto de vista assaz discutível, por certo, porque a hipótese de um auto-desdobramento do pensamento nada tem de absurda e não pode ser repelida desde logo. As análises de *Conhecimento e Realidade* apresentadas com profundidade e rigor são para a época extremamente atualizadas, patenteando uma vasta cultura. O livro é um trabalho de extrema valia que ainda hoje merece ser lido com atenção.

Em 1947 apareceu o que talvez seja lícito classificar de a última «grande» obra de Delfim Santos, *Fundamentação existencial da Pedagogia*.¹⁹ Ai é visível, mais do que a influência de Hartmann, a de Heidegger. A noção de autenticidade própria (Eigentlichekeit) que, diga-se de passagem, Adorno tanto atacou em *Jargon der Eigentlichkeit*,²⁰ é nela fundamental. Delfim Santos pronuncia-se tanto contra a Pedagogia que tem por modelo a ciência como contra a Pedagogia encarada qual simples setor da filosofia. Nas suas próprias palavras ele é pela pedagogia pedagógica cujo objeto é o «desenvolvimento do educando».²¹ Esta possui como missão fazer com que cada um atinja a plenitude da sua individualidade.

A pedagogia não tem por missão conduzir os homens ao que devem ser, ao que a moral lhes dite, porque a moral não se sobrepõe à vida, antes «é consequência da vida e da aprendizagem da vida».²² O ponto de vista da valorização da autenticidade própria leva-o Delfim Santos até ao extremo. Ele acha que «o si próprio de cada um» não é «idêntico ao de outro».²³ Claro que o si próprio de cada um não é nem pode ser totalmente idêntico ao de outrem. Mas a não ser idêntico, *tout court*, isso conduz-nos a ficarmos face a uma poeira de átomos incomunicáveis E nessa altura, como reconhece Delfim Santos, nenhuma proposição geral poderia ter lugar sobre o homem.²⁴ Ora, além disso ser já uma proposição geral, em tal circunstância a pedagogia tornar-se-ia impossível, porque teria como fim único o desenvolvimento de tendências divergentes, pelo menos tantas quantas os homens vivos. E admite-se logicamente que se tome como fim único o não se aceitarem fins únicos? Que acontecerá se o desenvolvimento de certa autenticidade própria for a negação da tese do respeito pelas particularidades próprias? A pedagogia, se repelir o desenvolvimento daquela autenticidade, nega-se a si mesma. E se a aceitar? Também se nega a si mesma porque, *ipso facto*, aceitaria a negação do seu princípio diretor. Numa palavra:

¹⁸ Delfim SANTOS, *Conhecimento e Realidade*, *op. cit.*, 310.

¹⁹ Delfim SANTOS, *Fundamentação existencial da Pedagogia*, *Obras Completas*, ed. cit. 429-499.

²⁰ Theodor W. ADORNO, *Jargon der Eigentlichkeit*, Frankfurt am Main: Surkamp, 1967. Há tradução espanhola da Taurus, Madrid, 1961.

²¹ Delfim SANTOS, *Fundamentação existencial da Pedagogia*, ed. cit., 492.

²² Delfim SANTOS, *op. cit.*, 479.

²³ Delfim SANTOS, *op. cit.*, 440.

²⁴ Delfim SANTOS, *op. cit.*, *ibidem*: «A formulação de leis gerais sobre o humano... implica o desrespeito do que nele é concreto e individual».



www.delfimsantos.org

julgamos contraditória a exaltação do singular como regra geral e incapaz de basear uma noção consistente de pedagogia. É óbvio que o facto de formularmos alguns reparos ao pensamento de Delfim Santos não significa menos admiração e apreço. Numa coisa teve a sua vida algo de comum com o seu Mestre Leonardo Coimbra: foi o nunca ter chegado a cátedra em Filosofia, na Faculdade de Letras (de Lisboa). Hostilizado por Matos Romão e em certa medida por Vieira de Almeida pela sua orientação metafísica, Delfim Santos, se não foi totalmente posto à margem como Leonardo Coimbra, foi “arrumado” nas Ciências Pedagógicas, que eram um *pis aller* para a sua profunda vocação de docente na área filosófica.

António José de Brito
Universidade do Porto